

A FORÇA DAS NARRATIVAS DE JOVENS MULHERES INDÍGENAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

THE STRENGTH OF THE NARRATIVES OF YOUNG INDIGENOUS WOMEN IN TIMES OF PANDEMIC

EL PODER DE LAS NARRATIVAS DE MUJERES JÓVENES INDÍGENAS EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Vanessa Louise Batista, Universidade Federal do Ceará, vanessa.louise@ufc.br
Eliane Claudio Guilherme – Povo Baniwa, elianeguilherme@estudante.ufscar.br
Gilmara dos Santos Gonçalves – Povo Baré, Universidade Federal de São Carlos-Campus Sorocaba, gilmara.goncalves@estudante.ufscar.br
Vitória Manoela de Oliveira Melo – Povo Pankararu, Universidade Federal de São Carlos, vitoriapankararu23@gmail.com

Resumo: A COVID-19, desde o início de 2020, trouxe inseguranças e preocupações aos Povos Indígenas, além de intensificar as vulnerabilidades e lutas pré-existentes. Este texto tem como objetivo central relatar as experiências de povos indígenas do Alto Rio Negro, Estado do Amazonas e do Brejo dos Padres, em Pernambuco, no tocante aos enfrentamentos da COVID-19, suas consequências físicas e socioculturais. As experiências são relatadas por três jovens mulheres, estudantes da Universidade Federal de São Carlos dos *Campi* de Sorocaba e São Carlos. Os relatos trazem os momentos de isolamento e pós vacinação, dentro e fora das aldeias, perto e longe de seus povos. Para os povos indígenas, a arte de narrar consiste na manutenção dos saberes e é relevante na construção da história e de suas culturas. A tradição oral é uma característica da cultura indígena e uma prática necessária para a manutenção do *modus vivendi* dos povos originários. Portanto, saber narrar é uma herança preciosa para o viver indígena em tempos modernos e poderosa para o reconhecimento das raízes culturais que o sustentam. A narrativa foi usada como método para explicitar as singularidades das experiências e as diferentes realidades dos povos Baniwa, Baré e Pankararu. Como resultado não só foram revelados aspectos subjetivos, deflagrados pela pandemia, como também se possibilitou rememorar a herança colonial de marginalização social e descaso político. Entre os relatos, destacam-se pontos em comum como o sentimento de que os anciãos falecidos levaram consigo elementos históricos e culturais de seus povos e que houve perda da transmissão dos saberes de geração em geração. Para os povos indígenas, a arte de narrar consiste em um exercício de manutenção da prática de transmissão dos saberes e é algo relevante na construção da história e da cultura. A tradição oral é uma característica da cultura indígena e uma prática necessária para a manutenção do *modus vivendi* dos povos originários. Conclui-se, portanto, que saber narrar é uma herança preciosa para o viver indígena em tempos modernos e poderosa para o reconhecimento das raízes culturais que o sustentam.

Palavras-chave: COVID-19, Povos indígenas, Relato de experiência.

Abstract: COVID-19, since the beginning of 2020, has brought many insecurities and concerns to Indigenous Peoples, in addition to intensifying pre-existing vulnerabilities and struggles. This text has as main objective to report the experiences of indigenous peoples from Alto Rio

Negro, State of Amazonas and Brejo dos Padres, in Pernambuco, regarding the confrontations of COVID-19, its physical and socio-cultural consequences. Three young women, students at the Federal University of São Carlos dos *Campi* from Sorocaba and São Carlos, reported their experiences in moments of isolation and post-vaccination, inside and outside the villages, near and far from their People. Their narratives make explicit the singularities of the experiences and the different realities of these peoples. It brings to the public subjective aspects triggered by the pandemic, but also recalls the colonial legacy of social marginalization and a politic neglect. The deceased elders took with them historical and cultural elements of their peoples. The importance of transmitting knowledge from generation to generation is a common point among the reports. And the art of narrating, a common point between the authors, becoming an exercise in maintaining the practice of transmitting knowledge and placing them in a relevant place in the construction of the history and culture of their peoples. The oral tradition is a characteristic of the indigenous culture and a necessary practice for the maintenance of the *way of life* for the original peoples. Therefore, knowing how to narrate is a precious heritage for indigenous living in modern times and powerful for the recognition of the cultural roots that sustain it.

Keyword: COVID-19, indigenous peoples, experience.

Resumen: El COVID-19, desde principios de 2020, ha traído muchas inseguridades y preocupaciones a los Pueblos Indígenas, además de intensificar las vulnerabilidades y luchas preexistentes. El objetivo central de este texto es relatar las experiencias de los pueblos indígenas del Alto Río Negro, Estado de Amazonas y Brejo dos Padres, en Pernambuco, en el enfrentamiento a la COVID-19, sus consecuencias físicas y socioculturales. Las experiencias son relatadas por tres jóvenes, estudiantes de la Universidad Federal de São Carlos en los campus de Sorocaba y São Carlos, que contaron sus vivencias en momentos de aislamiento y posvacunación, dentro y fuera de las aldeas, cerca y lejos de su gente. . Para los pueblos indígenas, el arte de narrar consiste en un ejercicio de mantenimiento de la práctica de transmitir conocimientos y es relevante en la construcción de la historia y la cultura. La tradición oral es una característica de la cultura indígena y una práctica necesaria para mantener el *modus vivendi* de los pueblos originarios. Por lo tanto, saber narrar es un patrimonio precioso para los indígenas que viven en los tiempo modernos y poderoso para reconocer las raíces culturales que lo sustentan. La narrativa fue utilizada como método para explicar las singularidades de las experiencias y las diferentes realidades de los pueblos Baniwa, Baré y Pankararu. Como resultado, no sólo se revelaron aspectos subjetivos desencadenados por la pandemia, sino que también permitió recordar el legado colonial de marginación social y abandono político. Entre los relatos destacan puntos comunes como la sensación de que los ancianos fallecidos se llevaron elementos históricos y culturales de su pueblo y que hubo una pérdida de transmisión de conocimientos de generación en generación. Para los pueblos indígenas, el arte de narrar consiste en un ejercicio de mantenimiento de la práctica de transmitir conocimientos y es relevante en la construcción de la historia y la cultura. La tradición oral es una característica de la cultura indígena y una práctica necesaria para mantener el *modus vivendi* de los pueblos originarios. Se concluye, por tanto, que saber narrar es un patrimonio precioso para los indígenas que viven en los tempos modernos y poderoso para reconocer las raíces culturales que lo sustentan.

Palabras Clave: COVID-19, Pueblos Indígenas, Informe de experiencia.

INTRODUÇÃO

[...] o valor da nossa cultura é irrisório quando ela surge divorciada da experiência. (MATEUS, p. 611)

Este texto traz relatos de experiência de três jovens mulheres indígenas das etnias Baniwa, Baré e Pankararu, vivenciadas durante pandemia da COVID-19, como estudantes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no Campus Sorocaba e de São Carlos e participantes do Programa de Educação Tutorial (PET) - UFSCar indígenas. Duas são moradoras do Alto Rio Negro, Amazonas, e uma do Brejo dos Padres, Pernambuco. Na coprodução deste texto, as estudantes conectam e compartilham os saberes de seus povos, além de vivenciar a escrita científica, cujo tema foi decidido pelo coletivo, sob a orientação de docentes da UFSCar e de outras universidades, que colaboram com o PET. A pandemia afetou drasticamente os indígenas e, desde o início, muitos deles lutaram para criar estratégias de impedimento da chegada do Coronavírus nas aldeias, dentre os Baré, Baniwa e Pankararu, etnias das coautoras, não foi diferente. Duas viveram os primeiros momentos na cidade onde estudam, distantes da família, sendo que uma delas conseguiu fazer a visita em tempo mais ameno (após a quarta dose da vacina), mas a outra continuou distante dos seus, devido ao cuidado redobrado em sua gestação. A outra voltou para a aldeia, em Brejo dos Padres/PE e conviveu com seu povo durante todo o processo de isolamento e pós-vacinação. Para os registros das experiências foi usado o método da narrativa em que cada estudante relatou, por escrito, suas experiências, que foram lidas em voz alta e analisadas coletivamente em diálogos à distância, realizados pelas plataformas disponíveis. Neste processo, destacaram-se os fatos comuns ou pontos de convergência entre elas. Quanto aos aspectos diferenciados, evidenciou-se a especificidade de cada uma, ressaltando particularidades das experiências e dos modos em que cada um dos povos indígenas vivenciou o momento pandêmico, cujos estudos da FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz - indicaram que “[...] as condições de desvantagem dos indígenas em comparação à população não indígena em inúmeros indicadores sociodemográficos e sanitários”. (FIOCRUZ, 2020, p.3).

O panorama geral sobre a COVID-19, apresentado pela APIB – Articulação dos Povos Indígenas do Brasil -, demonstra que a Região Norte¹, com destaque para o Estado do Amazonas, foi onde se concentrou o maior número de mortes entre os indígenas. Porém, os dados da SESAI – Secretaria da Saúde Indígena - impedem a identificação de muitas cidades onde os óbitos aconteceram e, portanto, não é possível saber com exatidão os dados de óbito sobre cada povo indígena.

Sabe-se que as etnias se diferenciaram no modo como lidaram com a situação pandêmica. A adoção de estratégias tradicionais dos povos evitou mortes nas aldeias; seja pelos processos migratórios para aldeias mais afastadas, em busca de isolamento, ou seja pela organização interna para executar as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

A incidência das "*fake news*" sobre a vacina gerou negação de sua eficácia, levando muita gente a óbito por contaminação nas aldeias e comunidades do Alto Rio Negro/AM, fato que não ocorreu em Pernambuco, no Brejo dos Padres. Há que se ressaltar a importância da organização interna do Povo Pankararu: sua inserção política no enfrentamento e a consciência das orientações sanitárias fez com que a contaminação chegasse tardiamente, mesmo assim as perdas foram consideráveis.

Sentimentos de medo, tristeza e impotência foram a tônica no discurso das indígenas Baré e Baniwa. Já a Pankararu mostrou que, embora tenha vivido momentos preocupantes junto de seu povo, a força comunitária e a consciência da gravidade do momento permitiram que a comunidade se organizasse e enfrentasse os problemas com mais firmeza e colaboração.

O povo Baré contou com as ações do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI), que fazia o resgate dos povos da região para o tratamento na cidade. Os Baniwa não aceitaram ir à cidade; recusaram tal recurso por medo de morrer entubados: entenderam que isso terminaria de os matar. Superstições e crenças também sustentaram os posicionamentos dos Baniwa sobre a COVID-19 que, inicialmente, pensavam que feitos e feitiços de outros indígenas trouxeram o vírus para suas aldeias e comunidades. Já os Pankararu, com clareza dos acontecimentos, criaram barreiras de isolamento, assim como estratégias de imunização da população com medicamentos próprios e depois com a adesão à vacinação.

¹ Comitê Nacional de Vida e Memória Indígena. Disponível em: https://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados_covid19/
Acesso em: 20 jun.2023.

O fato é que o cotidiano das aldeias se transformou profundamente. É visível tanto aos viventes do território, quanto aos que observam de fora dele. O trabalho ficou mais difícil por haver menos pessoas ativas e pela pouca energia dos que se dedicam a fazer a roça, devido à lenta recuperação das sequelas deixadas pela COVID-19.

Com o objetivo de analisar tais partilhas, buscou-se observar nos aspectos diferenciados desses territórios seus acessos físicos e informacionais, assim como seus modos de ler e viver a realidade, nas dimensões cotidianas, socioculturais e políticas. Os relatos que seguem demonstram que na arte de narrar, própria da tradição oral indígena, pulsam os saberes dessas jovens mulheres. Eles trazem a força das suas experiências de modo que as conectam com suas comunidades e fazem perpetuar os elementos culturais, fundantes da existência de seus povos de tal modo que: “Incapaz de conectar as gerações, a experiência moderna apreende sobretudo de forma fugaz, extemporânea e fugidia [...] ao contrário de uma experiência autêntica [...]” com base na tradição, narração e vivência centrada no indivíduo, na consciência e na sua percepção (MATEUS, 2014, p. 63).

RELATO DE EXPERIÊNCIAS

Foi adotado um percurso metodológico que inclui registros de relato de experiência para que comunidades indígenas do Amazonas e Pernambuco fossem representadas nos depoimentos das estudantes indígenas, com base em sua experiência de vida, durante a pandemia da COVID-19. Essas partilhas pessoais apresentam as percepções dos fatos e dos enfrentamentos vividos por seus familiares, parentes e conhecidos; assim como seus sentimentos e reflexões.

POVO BANIWA DE TUNUI CACHOEIRA

Os Baniwa fazem parte dos vinte e dois (22) povos indígenas existentes próximos à fronteira do Brasil com a Colômbia e Venezuela, e vivem na região do Alto Rio Negro, Rio Içana e seus Afluentes como Cuyari, Ayari, Rio Cubate. Além disso, existem parentes que moram nas zonas urbanas de municípios de Estado do Amazonas como: São Gabriel da Cachoeira, Barcelos, Santa Isabel e Manaus (GUILHERME, 2021).

A estudante Baniwa assim relata: estava longe, residindo na cidade da Universidade onde estudo, Sorocaba-SP. Fui visitar minha comunidade e levei 3 dias e 3 noites para chegar

lá. Foi no interstício entre a quarta dose da vacina e o reaparecimento de casos graves e óbitos pela COVID-19 (outubro de 2022). Sou de Tunuí Cachoeira, uma comunidade indígena do povo Baniwa na qual vivem aproximadamente 42 famílias, pertencentes à região do Rio Médio Içana/Alto Rio Negro, no Estado do Amazonas. Comendo com minha família, na aldeia, conversávamos muito sobre os acontecimentos desse tempo. No início, todos achavam que era algo que outras etnias estavam fazendo para eles (rogando praga, feitos, feitiços ...). Sentiram demais os efeitos da doença! Em busca de força para manter a cultura e os costumes vivos, houve quem partiu para outra comunidade, muitos morreram e outros permanecem com sequelas da doença. Dentro da aldeia, famílias perderam seus entes queridos e optaram por sair dali. Ou seja, foram para outro lugar com o intuito de criar uma nova vida longe daquela comunidade, porque se sentiram ameaçadas em seu próprio território. Para eles, não faz sentido continuar vivendo no mesmo lugar em que seu pai, avô, avó e mãe morou a sua vida inteira. Ficar ali é lembrar disso todo tempo. Esse é um ponto negativo causado pela COVID-19. Apesar de saberem que quem saiu continua morando na mesma região do Estado do Amazonas.

As que partiram, foram em busca de se afastar ainda mais da cidade, para se proteger da contaminação, com medo das novas ondas. Muitos integrantes da nossa aldeia preferiram buscar um outro rio - onde não sejam muito afetados pelo vírus, por ser mais afastado que fosse. Tunuí Cachoeira é um lugar visitado pelas pessoas da cidade e outros povos, por conta das cachoeiras e também por estar no caminho entre as aldeias e a cidade. Qualquer imprevisto, tanto os visitantes, quanto indígenas de outras etnias contam com a ajuda da população, por ali.

É difícil se adaptar às novas culturas e a mudança não faz parte da nossa. Ou seja, eles não costumam sair da aldeia onde vivem há anos e ir para outro lugar por causa de coisas simples. Por exemplo, vamos supor que não exista uma área perto para fazer roça, ao invés de se mudar, sempre preferiram remar longe até chegar no local, do que ficar mais próximo de onde poderiam plantar e colher para sobrevivência.

Apesar de na minha família não ter havido nenhum caso, eu vi a tristeza das pessoas que perderam familiares. O mais triste era entrar na Igreja e no centro comunitário, ver os lugares preferidos daqueles que morreram vazios e perceber que elas estão sendo aguardadas... As pessoas não ocupam mais aquele espaço e fazem falta para nós.

Ao visitar outras duas comunidades perto da minha, em outro rio chamado Cuiari, tive o privilégio de conversar com pessoas e observar que houve mudança com a chegada da pandemia, no particular e no geral, também.

Fiquei uma semana em uma das comunidades vizinhas; onde vivem meu avô e os meus tios, por parte da minha mãe. Contaram que a COVID-19 não só os destruiu fisicamente, como também afetou a maior parte da cultura. Houve pessoas que compreenderam, mas outros rejeitaram o uso de máscaras, dizendo que não faz parte do costume; assim como lavar as mãos. Isso acabou gerando conflito entre eles.

Sem contar que os que ficaram isolados nas casas, sem poder ir visitar seus irmãos ou mãe, isso os revoltou. Porque se preocupam com seus próximos na partilha de comida e até mesmo de remédios. Sendo assim, não seguiram a orientação da equipe de saúde do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI). E, nesta comunidade, as pessoas contraíram o vírus, mas ninguém morreu. Diferente da minha, talvez porque, quando o vírus chegou lá, outras aldeias já tinham encontrado remédio e compartilhado com eles.

Quanto à outra comunidade que mencionei, fiquei apenas um dia, mas foi suficiente para que eu pudesse ver o quanto as pessoas ainda estão em choque, apesar de todos os esforços que fazem para continuar lutando e vivendo bem, com saúde no seu território. Parecem estar com medo de outros vírus ou que o mesmo continue no seu corpo.

Além disso, eles se culpam por não conseguirem proteger os seres do universo. Pois acreditam que tudo, inclusive as doenças que aparecem do nada, são do mundo onde pisamos, respiramos, do nosso território, da Natureza. E que por não valorizarmos e enxergamos o quão importantes são para estarmos vivos, preferem agir. Ou seja, chamar a atenção, nos avisar que algo está errado. Mas talvez isso não seja suficiente para compreendermos que dependemos de outros seres, que não “vemos”, para viver.

Segundo o povo desta região (a minha e outras comunidades vizinhas ou próximas), a pandemia é uma doença que nunca imaginaram poder chegar em suas comunidades. E, muito menos, que diminuiria tanto o número de pessoas, o conhecimento, a cultura; ou ainda que tornaria a população indígena mais enfraquecida devido à perda das lideranças - idosos e jovens que faziam parte das lutas e de todos os conhecimentos repassados de geração a geração.

Perder as pessoas mais velhas, detentoras dos conhecimentos tradicionais é como colocar um ponto final num texto inacabado. Isto significa que, para que a cultura e o saber

tradicional sejam repassados de forma oral para a nova geração, existem muitas coisas que só determinada pessoa sabe ou consegue fazer acontecer e outros não.

Os trabalhos são divididos entre eles. Existe o que conhece ou trabalha somente com as plantas medicinais para a cura de picada de animais, tais como: cobra, aranha, insetos...outros; fazem benzimentos específicos para as mulheres com problemas no útero, doenças causadas por pessoas envenenadas etc. Há os que prejudicam a saúde de outros indivíduos através de seu poder. Às vezes ocorre um desentendimento de um baniwa com uma pessoa de outra etnia, se um deles decidir fazer mal ao outro, terá que convencer o pajé para fazer aquele sofrer por algum tempo, ou tirar sua vida.

Tanto os que curam, quanto os que prejudicam outras pessoas, guardam saberes de uso das plantas da floresta como fonte para produzir o medicamento ou o veneno. Mas precisam ter outros saberes para ajudar a refletir sobre a decisão de fazer mal a alguém, ou desistir. É uma sabedoria própria dos velhos sábios das aldeias.

Por outro lado, os sobreviventes não se sentem mais como eram antes: seus corpos estão cada vez mais fracos, não conseguem trabalhar, não aguentam ficar muito tempo no sol e na chuva. Antes, os homens costumavam fazer duas roças por ano e, hoje em dia, só conseguem realizar uma. Se sentem cansados a todo tempo. As mulheres são importantes para a sobrevivência de uma família, pois elas que plantam maniva (mandioca) junto com o marido, fabricam farinha, beiju entre outras coisas. Mas agora, infelizmente, apresentam dificuldades para produzir com a frequência e a quantidade com que faziam antes.

A perda de alguns representantes indígenas, considerados porta vozes do povo por entenderem e falarem português, deixou os grupos ainda mais arrasados. Mas, mesmo assim, continuaram criando força e lutando para serem respeitados dentro e fora de suas comunidades. Por outro lado, os pais perceberam que a educação ocidental é um bom caminho a ser seguido pela geração atual para que se tornem como braços direitos na luta, principalmente, em relação à comunicação e escrita na língua portuguesa.

O POVO BARÉ EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA

O Povo Baré está concentrado a noroeste do Estado do Amazonas, nas redondezas da Cidade de São Gabriel da Cachoeira – AM, município considerado o mais indígena do Brasil

por abrigar mais de 23 povos indígenas. A maior concentração desse povo está nas mediações do Rio Xié e Rio Negro, para onde muitos Baré migraram devido ao contato com o homem branco.

Para os Baré, como para outros povos, a COVID-19 trouxe um grande impacto que foi a perda dos anciões e pajés - aqueles que têm muito conhecimento acerca da cultura, tradição e aqueles que têm conhecimento de cura e benzimento.

A perda dos mais velhos se deu, principalmente, por falta de informações acerca da COVID -19, ou por não entendimento da língua portuguesa. Não se sabe a quantidade exata de mortes, mas sabe-se que houve muitos casos nesse povo. Muitos não chegaram a óbito porque fizeram o uso da medicina indígena como tratamento contra a COVID -19.

O combate a esse vírus inicia-se com as barreiras, criadas para que não houvesse acesso à cidade de São Gabriel da Cachoeira, onde estão localizados muitos indígenas desse povo. Infelizmente o vírus chegou na cidade e, conseqüentemente, nas comunidades através de profissionais da saúde, militares e seus familiares, e com aglomerações para recebimento do auxílio emergencial que foi ofertado pelo governo durante a pandemia.

As lideranças indígenas tentaram ser rápidas no que diz respeito à criação de medidas de prevenção, muitos alertaram quanto ao distanciamento social, uso de máscara, não locomoção até a cidade, entre outros. Para algumas famílias essas medidas foram difíceis de serem seguidas, pois muitos têm costume de se reunir em várias ocasiões para práticas culturais, como rituais e danças.

Outra dificuldade foi deixar de ir à cidade, ida feita mensalmente com finalidade de receber seus salários, aposentadorias e benefícios do governo para compra de mantimentos. Isso fez com que muitos indígenas fossem infectados pelo vírus e com a volta à aldeia, conseqüentemente, infectaram aqueles que estavam em isolamento social. Já os que se recusaram a se locomover até a cidade devido ao distanciamento social, sofreram com a escassez de produtos de higiene pessoal e cesta básica. Dentre essas dificuldades vale destacar que o distanciamento social provocou uma queda de rendimento de muitas famílias, pois complementam suas rendas com a venda de artesanatos às pessoas que visitavam suas comunidades.

São Gabriel da Cachoeira é um município dependente do Sistema Único de Saúde (SUS) e sofreu com a falta de estrutura e de recursos para tratamento de complicações mais severas da

COVID -19. Para muitos povos, enfrentar a doença foi muito difícil por falta de recursos necessários para o tratamento. Ficar doente na aldeia é complicado por vários fatores, seja por dificuldades de acesso aos serviços de saúde, seja pela distância geográfica, ou até mesmo pela indisponibilidade de profissionais da saúde.

Durante o período de pandemia, o governo e os órgãos sanitários determinaram o isolamento social, essa medida fez com que muitas pessoas ficassem presas em outro estado, cidade, etc. Eu fui uma dessas pessoas, desde o início da pandemia não consegui retornar para a minha cidade, devido ao isolamento social e por barreiras sanitárias criadas pelas lideranças indígenas para evitar a chegada do vírus no município.

Foi muito desafiador ficar distante do meu povo e da minha família nesse período, pois me senti de mãos atadas diante das dificuldades que o meu povo enfrentou com a chegada desse vírus; foram muitas.

Vale destacar que as inúmeras mortes causadas por essa pandemia, em todo o país, fizeram com que diversos povos ficassem com muito medo do vírus e tomassem decisões erradas, perante a grave situação de colapso que o Estado do Amazonas vinha passando.

Alguns de meus familiares se recusaram a tomar a vacina da COVID -19, porque muitas pessoas estavam espalhando notícias falsas de que a vacina era uma das principais causas do vírus e quem a tomasse teria mais chance de morrer do que aqueles que se recusassem. Meu avô foi uma dessas pessoas que se recusou a tomar essa vacina. Ele veio a óbito no meio da pandemia e até hoje não temos a certeza se foi a COVID -19 que causou a morte dele. Minha mãe me disse que ele estava bem, que ele passou mal muito de repente. De um dia para outro o estado dele se agravou; todos nós da família achamos que não passava de mal-estar. Mas, numa noite, recebi uma ligação do meu padrasto, chorando, dizendo que meu avô tinha partido. Fiquei sem chão e sem reação, a sensação de impotência foi tamanha! Não podia fazer nada, nem um abraço de consolo eu pude dar em minha mãe.

Um dos meus maiores medos nesta pandemia foi perder alguém da minha família para esse vírus. Um ano antes dessa pandemia já havia perdido meu pai e eu estava, aqui, na cidade do campus onde estudo (Sorocaba-SP). E mais uma vez não queria sentir aquela sensação ruim de estar longe e não poder fazer nada. Por isso que, nesse período de pandemia, eu ligava várias vezes ao dia para minha mãe, pedindo que tivesse cuidado com esse vírus, que usasse máscara, que evitasse sair de casa, que evitasse aglomeração. Meu medo era maior com ela, porque ela

tem comorbidade. Com meus avós falei poucas vezes e, se eu soubesse que o meu avô iria falecer naquele período, teria feito a mesma coisa com ele: ligado várias vezes, insistindo que tomasse cuidado e se vacinasse.

Muitas pessoas, no meu povo, foram teimosas, muitos não acreditavam na gravidade do vírus. Eu ouvia as notícias que pessoas faziam festas (aglomerações) durante aquele período crítico que vivíamos em todo o país; isso me assustava, mal podíamos esperar que aquelas aglomerações seriam um dos principais motivos a levar muitas pessoas conhecidas a óbito.

Sabíamos das notícias do município através das redes sociais, isso por um lado ajudava, pois ficávamos a par da situação real. Por outro lado, nos deixava inseguros, parecia que a qualquer momento receberíamos notícias tristes sobre nossos familiares, parentes, amigos e conhecidos. Às vezes, eu tinha vontade de voltar para lá, mas o medo de me contaminar no percurso e contaminar minha família era maior. Para chegar até São Gabriel da Cachoeira tinha que passar por Manaus, e sabíamos muito bem que a capital estava em colapso. Isso fez com que muitos de nós não retornássemos com medo de nos contaminarmos em Manaus.

Muitos daqueles que se contaminaram pelo vírus precisaram ser encaminhados para a capital, por falta de recurso no município; isso era extremamente preocupante para mim, pois a situação da saúde pública em Manaus não era e nem é boa.

Antes da pandemia, era muito comum que as pessoas encaminhadas de outros municípios para lá aguardassem atendimentos nos corredores dos hospitais, em situação precária, isso fez com que minha preocupação aumentasse mais ainda, uma vez que a mesma estava colapsada.

Houve pessoas que se recusaram a sair do município para serem encaminhadas a Manaus; com medo de morrer sem conseguir atendimento, ou até mesmo por serem entubadas. Havia rumores de que as intubações estavam levando muitas pessoas a óbito.

Além do desafio de lidar com a distância e o isolamento social, acabei engravidando, o que tornou mais desafiante a minha vida: estar longe da família em meio à pandemia já era difícil, e grávida foi ainda mais.

A preocupação dobrou, pois, dentro de mim, existia um ser humano que dependia de mim. E para que tudo ocorresse bem na gravidez, eu tinha que saber lidar tanto com as preocupações em relação à família, quanto com meu bem-estar físico e psicológico. Deste

modo, procurei equilibrar a minha vida, já que, além de tudo, ainda tinha a faculdade para me dedicar.

Tenho certeza de que meus familiares ficaram muito preocupados com a minha gravidez. Criar uma criança num lugar distante da família em meio a uma pandemia não seria nada fácil; ainda mais para alguém que não tinha experiência nenhuma com a maternidade, como eu. Durante essa gravidez, recebi muito apoio, tanto da família, quanto de amigos e professores da universidade. Isso fez com que eu tivesse força para continuar em Sorocaba-SP durante todo esse período pandêmico.

POVO PANKARARU NA ALDEIA BREJO DOS PADRES - PE

O povo Pankararu fica localizado no interior de Pernambuco, rodeado por três cidades, Tacaratu, Petrolândia, Jatobá, sendo constituído por quinze comunidades e uma delas é a Aldeia Brejo dos Padres, à qual pertence. Durante muitos anos, Pankararu lutou e luta para viver; para dar continuidade às tradições, costumes, crenças, cultura e modo de viver; para continuarmos existindo nesse mundo tão diverso e plural.

O momento pandêmico, pelo qual estivemos passando, acometidos pela COVID - 19, é um marco na história do nosso povo: de mais um episódio de luta e enfrentamento para a continuidade da nossa etnia.

No início da pandemia do Coronavírus, nada se sabia sobre essa nova doença e muito menos quanto tempo duraria. Eu estava fora da comunidade quando tudo começou. Estava na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde estava cursando Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais-Libras/Língua Portuguesa (TILSP), quando recebi a notícia da chegada do vírus ao país. E com a gravidade e a rapidez de contaminação, fiquei desesperada querendo retornar à comunidade, pois estava distante dos meus parentes e familiares.

Uma das medidas que a própria universidade tomou foi que os alunos que pudessem retornar às suas localidades assim o fizessem, pois o cenário era incerto, e poucas eram as informações sobre a COVID-19. Nós, estudantes indígenas Pankararu da UFSCar, optamos por retornar para nossas aldeias e começamos a nos articular para o retorno.

De início, entramos em contato com os caciques da aldeia para discutirmos a situação e saber qual era o posicionamento deles referente a nossa volta à comunidade. Após uma longa

conversa, eles nos propuseram voltar para a aldeia com algumas restrições. Buscaram casas para que ficássemos isolados quinze dias, seguindo as orientações da OMS (Organização Mundial da Saúde). Com isso já definido, conseguimos um transporte com a ajuda da universidade, que forneceu auxílio em espécie, e ajudou no custeio do transporte, também recebemos ajuda com relação ao material como máscaras e álcool em gel.

Chegando na comunidade, fomos conduzidos às residências previstas do isolamento, onde tínhamos acompanhamento dos agentes de saúde e apoio da rede de saúde indígena, fazendo o monitoramento para saber se apresentávamos sintomas relacionados a COVID -19. Mas mesmo com todo cuidado tomado antes e durante a viagem, ainda nos sentíamos inseguros de chegar na comunidade e estar infectados, e contaminar alguém da nossa comunidade. Mas nenhum dos estudantes apresentou quaisquer sintomas e nem estávamos infectados, logo saímos da quarentena/isolamento ao completar os quinze dias. Outras pessoas que não eram estudantes tiveram o mesmo trato ao retornar à comunidade, vale ressaltar que todos esses acontecimentos foram no início da pandemia.

Com o aumento dos casos e das mortes acometidas pela COVID-19, outras medidas foram sendo tomadas dentro da aldeia; à medida que ia se alastrando, a preocupação aumentou e foi decidido, por parte dos nossos caciques, lideranças e pajés, que não seria permitido entrar mais ninguém nas aldeias, mesmo que esse fosse indígena Pankararu. No caso, quem estivesse na aldeia iria permanecer, mas quem estivesse do lado de “fora”, lá ficaria, mas como impedir a entrada dessas pessoas? Foi decidido que barreiras seriam feitas e nelas estariam pessoas da comunidade que fariam vigilâncias, impedindo a entrada de pessoas que não fossem da aldeia, ou as que vinham de longe.

E assim foi feito, as pessoas que faziam a vigilância eram voluntárias e existiam até trocas de turnos, se alimentavam com doações da própria comunidade, onde um ajudava o outro. Essas foram chamadas de “Barreiras Sanitárias”, pessoas da comunidade que precisavam ir para as cidades buscar suprimentos alimentícios e farmacêuticos podiam passar pelas barreiras, usando máscara e com álcool em gel para prevenção contra o vírus. Outra medida tomada nesse período foi o diálogo com a população que as lideranças e o órgão da saúde indígena, por meio do Polo Base Pankararu, tiveram com a população. Também a televisão e os meios digitais nos deixavam atualizados sobre o que vinha acontecendo no mundo com relação à pandemia.

Durante esse período também tivemos o impacto cultural, pois nós, Pankararu, utilizamos do cachimbo para nossas tradições e fumar é um costume tradicional. Mas para resguardar a saúde e prevenir quaisquer sintomas de tosse muitos se privaram de usar o cachimbo. As nossas tradições que são cultuadas em grande maioria em momento de aglomeração foram impedidas suas realizações. A população compreendeu o cenário que estávamos passando e não teve nenhuma represália da decisão das nossas lideranças e anciãos, os quais vinham tomando a frente com relação aos cuidados para prevenção da COVID -19.

Após quase um ano com as barreiras sanitárias e as medidas preventivas (uso de máscara e álcool em gel), nenhum indígena da aldeia do Pankararu tinha sido acometido de COVID. Mas com o enfraquecimento das barreiras e o começo de pessoas de fora da comunidade transitando por lá, tivemos o primeiro registro dentro da comunidade. E, rapidamente, foram aparecendo mais casos. Com a ajuda da saúde indígena conseguimos reverter esses quadros e controlar a situação, poucas pessoas infectadas chegaram a óbito. Utilizamos de alguns chás tradicionais para o tratamento e também remédios da medicina ocidental; assim combatemos essa doença.

Nosso povo teve perdas de anciãos para a COVID -19, o que nos ocasionou uma perda de saberes e pessoas tão importantes para nós e para a história do nosso povo.

Com a chegada da vacina e com todos os cuidados e prevenções, diminuíram os casos positivos nos territórios indígenas. Mas ainda continuamos lutando para termos um livramento desse vírus, que nos tirou muitos saberes, histórias e parentes importantes.

Nosso povo nunca negou a vacinação, teve uma adesão grande. Assim que chegou a vacina, nossa população em peso foi se imunizando, o que também deu resultados no combate contra a COVID -19. Depois disso não houve mais óbito na aldeia. Após a população indígena ser vacinada, e o resto do país também com uma taxa alta de vacinação, começamos a voltar à normalidade, seguindo ainda algumas recomendações feitas pela OMS, uso de máscara e distribuição de álcool em gel para retomada das nossas tradições.

Por fim, com isso os Pankararu vêm resistindo a esse momento pandêmico que ainda não acabou, seguimos tomando os cuidados contra a COVID -19, tomando as vacinações necessárias, aconselhando nossos parentes sobre os cuidados, e escutando nossos anciãos sobre os saberes que os mesmos têm sobre como se tratar dessa doença. Assim Pankararu mostra sua força e luta para a existência do seu povo.

MÉTODO

Adotou-se o Relato de Experiência, considerando que a arte de narrar é própria da tradição oral indígena e que trata-se de uma prática que deve ser conservada, uma vez que:

A arte de narrar está em extinção. É cada vez mais raro encontrar pessoas que saibam narrar qualquer coisa com correção [...]. É como se uma capacidade que nos parecia inalienável, a mais segura de todas, nos tivesse sido tirada: a capacidade de trocar experiências” (Benjamin, 1992, p. 27).

Este relato de experiência foi realizado pelas indígenas integrantes do Programa de Educação Tutorial (PET): "Conexões e Saberes Indígenas" da Universidade de São Carlos. A fim de difundir as experiências, trazemos os relatos de três jovens mulheres indígenas sobre sua relação com as respectivas comunidades em tempos pandêmicos. Esta reflexão contou com a colaboração de uma docente da Universidade Federal do Ceará, colaboradora do PET, resultando em tal produção textual.

Expressando suas vivências em tempos de pandemia, cada estudante contou suas percepções sobre si e seu povo; seus sentimentos, pensamentos e condições de elaborá-los, os modos como lidaram com as circunstâncias durante e o depois do isolamento social; as formas de proteção adotadas durante o período de isolamento; os modos de organização do trabalho nas aldeias, após a abertura e as perdas dos entes familiares e parentes.

As referências para a construção de categorias na análise do discurso das mesmas foram identificadas a partir da leitura dos relatos. Os depoimentos foram sistematizados em dimensões tais como: aspectos subjetivos, da organização comunitária e da ordem social vigente, as quais facilitaram a sistematização das semelhanças e diferenças presentes nas experiências tratadas. E, então, identificou-se um elemento comum, marcante nos relatos, que salientou o foco orientador da reflexão crítica evidenciada na conclusão. O mesmo possibilitou a percepção da raiz cultural presente e viva nas narrativas apresentadas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A COVID-19, pode ser considerada um “fato social total” (MAUSS, apud SANTOS, PONTES E COIMBRA Jr), por evidenciar as inúmeras dimensões (psíquicas, sociais, culturais, políticas) dos impactos causados na vida cotidiana em cada aldeia. Sem contar as dificuldades

na relação com as instâncias públicas de “atuação do Estado no manejo e implementação de políticas públicas dirigidas a minorias étnico-raciais no Brasil” (idem, p.1). Mas também, vale ressaltar as medidas tomadas por cada uma delas e pelos movimentos indigenistas nos modos de resistências e enfrentamentos vividos nesse tempo pandêmico.

DA ORDEM SOCIAL VIGENTE

Segundo a FUNAI (apud Guazzelli, 2021), em 1500 havia aproximadamente 3 milhões de indígenas no Brasil. No último censo do IBGE (2012), esse número caiu para 896,9 mil indígenas. Isso se deve ao extermínio que os Povos Indígenas vêm sofrendo desde a chegada dos colonizadores portugueses, seja por meio do tratamento violento dos mesmos ou por doenças trazidas pelos europeus nas embarcações.

Esses povos ainda estão sujeitos ao extermínio, pois o genocídio indígena perdura e pode ser evidenciado pelo desrespeito às demarcações de terras, ataques por parte de fazendeiros, grileiros, garimpeiros entre outros, e também pela falta de recursos para lidar com algumas doenças como a COVID-19. Ou seja, a pandemia é um advento que remete ao genocídio vivido há séculos pelos povos indígenas. Os efeitos são profundos!

Em janeiro de 2021, Manaus viveu uma crise aguda com falta de oxigênio nos hospitais e a incidência de uma nova variante do Coronavírus. A cidade chegou a registrar 93 mil casos de Covid-19 e 3.892 mortes desde o começo da pandemia. Jornais relataram os registros de casos novos e mortes com diagnóstico de covid-19/24h, os quais foram considerados inéditos em todo o período pandêmico. Momento de muita indignação, por todo o Brasil, e extremamente angustiante para os que viveram tal crise de perto. Os indígenas que precisaram de auxílio da medicina convencional sofreram grandemente com a falta de atendimentos e muitos faleceram nesse processo (BBC NEWS BRASIL,2021).

Os impactos da pandemia, no caso desses povos indígenas, se mostraram a partir da insegurança alimentar, da fragilização da vida comunitária pela ameaça do contágio mediante a proximidade/contato entre eles, pela localização da comunidade em relação à cidade; as impossibilidades de entrar ou sair das aldeias, ou da realização do ritos tradicionais (sejam funerários, devocionais, de cura); os pensamentos supersticiosos que dificultaram a compreensão mais clara sobre o momento e as demandas de prevenção; as desarticulações

políticas e comunitárias mediante os falecimentos e abandonos do território de origem. Mas também, os modos de resistência definiram, em alguns casos, a efetividade da sobrevivência dos povos em territórios indígenas.

A postura do Estado brasileiro foi uma das situações problemáticas, que intensificou a luta dos povos indígenas por todo o país. Além de enfrentar o desrespeito às questões de ocupação das terras (inviabilização de demarcações de terras indígenas e proposição de aberturas de garimpos), esse período foi marcado pelas ausências de auxílio na prevenção/combate à contaminação e ao tratamento dos infectados pela Covid-19; o que demonstrou a negligência das conquistas de direitos dos povos no território nacional.²

Sobreviver ao genocídio é prática constante no cotidiano indígena, desde a colonização. Contudo, as vicissitudes do momento pandêmico trouxeram à tona inúmeras fragilidades dos vínculos culturais e comunitários em cada aldeia, assim como a força para o enfrentamento das situações de ameaça à vida de seus povos.

DA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Os problemas, aqui relatados, a serem enfrentados pelas aldeias do Norte e Nordeste, se colocam pela via da reconstrução do sentido comunitário e do restabelecimento da noção dos direitos socioambientais adquiridos.

As perdas familiares e das lideranças afetaram as terras indígenas no sentido simbólico, visto tanto pela movimentação de abandono do lugar de origem por alguns deles, quanto pela expressão da impotência, dos que permaneceram, em dar continuidade à vida cotidiana na aldeia.

As práticas culturais e seus ritos necessitam revitalização para que a vida do Povo Baniwa restabeleça sua força e retome sua rotina de trabalho, de rezas, de saberes medicinais e políticos, de manutenção de suas raízes culturais e de continuidade populacional.

²"Alguns dos momentos de avanços nos direitos indígenas se dirigem às conquistas do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Sistema Único de Saúde (SUS), Lei Arouca e a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI)".

<http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/viewFile/3003/1913>

No caso dos Baré, a vida próxima à cidade já traz em si uma fragilidade ao enraizamento cultural do povo, que por muito pouco perde sua característica em função das demandas urbanas ao cotidiano comunitário. Contudo, ao sobreviver a esse fenômeno, que atingiu o mundo, fica o desafio de manter as tradições e cultivar os traços culturais que sobrevivem e deixam marcas de pertencimento aos mais jovens. Já os Pankararu, puderam vivenciar a força comunitária no enfrentamento da situação pandêmica, ainda que tenha atingido seu povo e trazido perdas irreparáveis. A organização e solidariedade vivenciada nesse território poupou vidas e trouxe novos significados para a luta de sempre.

DAS SUBJETIVIDADES

Subjetivamente, vieram à tona muitos sentimentos profundos, os quais remontam a enfrentamentos às manifestações genocidas, tão combatidas pelos indígenas desde a colonização. O medo da morte, a tristeza pelas perdas significativas, a impotência diante das dificuldades políticas e culturais na manutenção da vida na floresta e comunidade são fatos intensificados e revisitados ao longo da vivência de cada etnia diante da pandemia.

Ainda que os grupos de apoio à saúde indígena tenham se mobilizado para auxiliar, na medida do possível, os povos do Norte, essa alternativa deixou de ser referência de cuidado frente ao número de pessoas que a medicina ocidental não salvou. A incredulidade nos métodos científicos se intensificou pelas brechas supersticiosas e falaciosas das informações enviesadas que chegaram até os povos. A medicina tradicional indígena auxiliou e muito suas populações, apesar das mortes terem marcado as famílias e comunidades. Mas a negação da prevenção via vacinação intensificou as perdas pessoais e comunitárias, enfraquecendo as lutas e a coesão das comunidades nesta região.

Quando as informações foram bem absorvidas e refletidas como forma de proteção, as estratégias preventivas se enraizaram na comunidade e possibilitaram tanto a sobrevivência física quanto a simbólica, favorecendo uma reafirmação identitária do povo, na Região Nordeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação pandêmica intensificou os desafios para a sobrevivência dos povos indígenas no território brasileiro, tais como: a dificuldade de deslocamentos até a cidade para a compra

de alimentos e produtos alimentícios e de higiene; o comprometimento das relações afetivas em função do distanciamento e dos óbitos nas aldeias; o aumento do número de invasões em terras indígenas (garimpos, por exemplo); as perdas dos velhos detentores de saberes ancestrais e medicinais; o apagamento histórico de nações indígenas; as (im)possibilidades de trânsito de não indígenas por dentro da comunidade para acessar outros espaços de mercado; o impedimento de realização de eventos culturais tradicionais com um número grande de participantes; assassinatos de lideranças de algumas regiões; aumento significativo de casos de depressão e ansiedade nas aldeias; aumento de consumo de bebidas alcoólicas, entre outros desafios.

Os três povos - Baré, Baniwa e Pankararu - lutaram como puderam para que a COVID-19 não adentrasse em suas aldeias e comunidades, porém existem diferenças explícitas nos discursos de cada uma das jovens indígenas sobre como esses enfrentamentos foram organizados. Os relatos das três estudantes indígenas mostraram que cada um dos povos possui uma maneira diferente de enfrentar a COVID -19.

Apesar dos dois povos Baniwa e Baré viverem no mesmo Estado, ambos tiveram uma percepção diferente em relação à doença. Os Baré estão na área urbana e os Baniwa, em comunidades longe da cidade, mostraram-se mais vulneráveis às *fake news* e ideias supersticiosas, ali disseminadas - o que dificultou o combate ao vírus. A região é muito distante de grandes centros urbanos e isso dificulta o acesso às informações verídicas; sem contar a baixa escolaridade, que atrapalha o entendimento das mesmas. Entre os Baniwa há predominância de falantes somente da língua mãe, além de outras pessoas que possuem dificuldades com a língua portuguesa.

O mesmo não aconteceu com o Povo Pankararu, que se mostrou mais forte e mais organizado. Pareceu estar mais consciente e principalmente saber o que estava acontecendo ao seu redor, tomando iniciativas efetivas para enfrentar a doença. O que não impediu que vivenciassem as perdas, embora tenham conseguido evitá-las por mais tempo. Sua cultura e costumes, suas histórias e conhecimentos também estão sob ameaça, tanto quanto nos outros povos, pois a maior parte dos conhecimentos indígenas são repassados oralmente e quando se perde o narrador, se perde a transmissão dos saberes entre gerações. E, ao longo do tempo, se perde o povo em suas múltiplas formas de existir.

Nesse sentido, este trabalho é um exercício narrativo, em que a comunicação das experiências exigiu das narradoras um engajamento profundo com seu território, seu povo, sua história e sua luta.

A perda da habilidade narrativa advinda da perspectiva moderna de inserção social é algo que ainda assusta aos povos indígenas, os quais têm na experiência e em sua transmissão a força da própria existência. O respeito a essas histórias contadas se faz por múltiplos caminhos e chegam a um ponto comum: a continuidade de um modo de vida em que o vivido importa para todos como experiência de ser quem se é, junto ao coletivo ao qual pertence.

Os lugares, as pessoas, o tempo e tudo aquilo que dá forma aos processos de encontro interpessoais e naturais são relevantes à oralidade, à narrativa que mantém vivos os povos indígenas, material e simbolicamente.

O trabalho para a sobrevivência tornou-se mais difícil por haver menos pessoas para trabalhar, menor energia dos que se dedicavam a fazer a roça, por conta da lenta recuperação e das sequelas deixadas pela COVID-19.

A experiência da pandemia para esses povos será transmitida, em seus espaços de convívio, com essa pluralidade de sentidos e dimensões. A vida é assim, múltipla, plural, complexa. E, na simplicidade do cotidiano vivido, na troca das experiências em cada aldeia/comunidade, essa história será contada. E aqui, essas jovens mulheres indígenas, em contato com a realidade de seus povos, comunicam a vida que se impõe, mais uma vez, aos seus grupos originários. O respeito, a relevância e reverência às suas origens demonstram que, em nosso país, a arte de narrar ainda sobrevive.

REFERÊNCIAS

BBC NEWS BRASIL. **Covid em Manaus: sem oxigênio, pacientes dependem de ventilação manual para sobreviver em Manaus.** [S. l.], 15 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55674229>> . Acesso em: 9 dez. 2022.

BENJAMIM, W. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa, Relógio d'Água. 1992.

DA SILVA, Dênis Delgado; GOMES, Vanusa Vieira. **O contexto de uma técnica de enfermagem do povo Baré em sua atuação na Saúde Indígena.** [S. l.], 6 out. 2021. Disponível em: <<https://informasus.ufscar.br/o-contexto-de-uma-tecnica-de-enfermagem-do-povo-bare-em-sua-atuacao-na-saude-indigena/>> . Acesso em: 9 dez. 2022

DE LAVOR, Adriano. **Amazônia sem respirar:** Falta de oxigênio causa mortes e revela colapso em Manaus. [S. l.], 19 fev. 2021. Disponível em: <<https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/amazonia-sem-respirar#access-content>> . Acesso em: 9 dez. 2022.

FIOCRUZ. Risco de espalhamento da COVID-19 em populações indígenas: considerações preliminares sobre vulnerabilidade geográfica e sociodemográfica. 4º relatório sobre risco de espalhamento da COVID-19 em populações indígenas. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/4o-relatorio-sobre-risco-de-espalhamento-da-covid-19-em-populacoes-indigenas>. Acesso em: 02 jun.2020

GARCIA, Maria Fernanda. **Genocídio no Brasil: mais de 70% da população foi morta:** [S. l.], 6 mar. 2020. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/genocidio-brasil-mais-de-70-da-populacao-indigena-foi-morta/>> . Acesso em: 9 dez. 2022

GUAZZELLI, Mariana. **Genocídio indígena: entenda os riscos e preocupações que a população nativa do Brasil enfrenta:** Desde os tempos da colonização europeia, povos indígenas no Brasil têm sofrido com perseguições, ataques e doenças que contribuem para o seu extermínio.. [S. l.], 24 set. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2021/09/24/genocidio-indigena-entenda-os-riscos-e-preocupacoes-que-a-populacao-nativa-do-brasil-enfrenta/#> . Acesso em: 23 dez. 2022.

GUILHERME, Eliane Claudio. O Povo Baniwa. In: SILVA...et. al. **PET conexões saberes indígenas, UFSCar:** das origens aos horizontes. São Carlos. CEPOI/UFSCar, 2021. p. 86-92. Disponível em: https://www.sibi.ufscar.br/arquivos/pet-conexoes-saberes-indigenas-ufscar-das-origens-,_aos-horizontes.pdf. Acesso em: 28 de Dez. 2022.

PEREIRA, André da Silva, GUILHERME, Eliane Claudio, OLIVEIRA, Jhonny Passos de, *et al.* **PET conexões saberes indígenas, UFSCar:** das origens aos horizontes. São Carlos. CEPOI/UFSCar, 2021. p. 86-92. Disponível em: https://www.sibi.ufscar.br/arquivos/pet-conexoes-saberes-indigenas-ufscar-das-origens-,_aos-horizontes.pdf. Acesso em: 28 de Dez. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas.** [S. l.], 10 ago. 2022. Disponível em:<<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-populacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>> . Acesso em: 5 dez. 2022.

ISA. Instituto Socioambiental. **COVID-19 e os Povos Indígenas.** [S. l.], [2020]. Disponível em: <https://covid19.socioambiental.org/?gclid=Cj0KCQiAyracBhDoARIsACGFcS4A8CpG8YHgMY71GNQaL5DJ-8LnZSGPGUEM2f_M_TdGTC6smNAC0owaAtZcEALw_wcB> . Acesso em: 5 dez. 2022.

MATEUS, Samuel. Experiência e comunicação em Walter Benjamin. **Interin.** Curitiba, v. 17, n.1, p. 57- 66, jan. /jun. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=504450750005>. Aceso em Acesso em: 5 dez. 2022.

SANTOS, Ricardo; PONTES, Ana Lucia; COIMBRA JR, Carlos. Um “fato social total”: COVID-19 e povos indígenas no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, [S. l.], p. 1, 2 out. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/qxqxzwVDGCwT8pTtvCRf5fx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 dez. 2022.

VIEIRA, Beatriz. **Povos indígenas e o COVID-19: ações diante da pandemia**. [S. l.], [2020]. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/genocidio-brasil-mais-de-70-da-populacao-indigena-foi-morta/>>. Acesso em: 27 dez. 2022